

1 Apresentação e Introdução

1.1 Apresentação

Os fenômenos ligados à cidade são assuntos de meu interesse desde 1977, quando comecei a cursar Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília. Os estudos sobre a Moda começaram vinte anos depois: de 1996 a 2000 foram dois cursos, um deles em Paris, com duração de dois anos, focado exclusivamente na História da Moda. Tais estudos despertaram minha curiosidade e um fascínio que parece estar longe de se esgotar. A especialização em Comunicação e Imagem na PUC-Rio, concluída em 2005, foi o primeiro passo para que eu encontrasse neste campo de conhecimento uma possibilidade de desenvolver idéias e ampliar pesquisas sobre a moda no Brasil.

Embora a produção de livros sobre história e teoria da moda tenha aumentado sensivelmente nos últimos cinco anos, os que tratam desse assunto relacionando-o com a história do país não são muito numerosos. O mais famoso e absolutamente fundamental é o de Gilda Mello e Souza, *O espírito das roupas: a moda no século XIX*, publicado pela primeira vez na *Revista do Museu Paulista*, em 1950. De lá para cá, poucos livros surgiram abordando o tema no Brasil. Em 2002 Maria do Carmo Rainho teve sua dissertação de mestrado publicada sob o título *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX*. Ambas, no entanto, centram seus estudos num período anterior ao aqui abordado.

Mesmo nas publicações francesas que tratam a história da moda como algo além da simples enumeração de itens usados em cada época, o período da *Belle Époque* é pouco explorado. Nas abordagens referentes ao século XIX, os autores costumam dedicar a maior parte de suas análises e descrições aos anos anteriores a 1880, quando o traje feminino era mais excêntrico e fantasioso. Já nas que tratam do século XX, as duas primeiras décadas não merecem muita atenção: o início do século parece só acontecer realmente após o final da Primeira Guerra Mundial.

Nem por isso tais obras foram deixadas de lado. Um livro de grande importância para este trabalho foi o de Philippe Perrot, *Le dessus et le dessous de la bourgeoisie – une histoire du vêtement au XIXème siècle*. Nele o autor se propõe a esclarecer os comportamentos vestimentares do século XIX através de uma abordagem que leva em conta os gestos, a anatomia, a sexualidade, a higiene, a economia, os ritos, a religião, a moral e o direito. Para Perrot, vestir-se constitui essencialmente um ato de significação.

O acervo de periódicos da Biblioteca Nacional constituiu-se na principal fonte de minha pesquisa sobre a imprensa do início do século XX. O site desta instituição foi de grande ajuda ao tornar possível o acesso a quase todas as edições da *Fon Fon* e da revista *Careta* a partir de 1908. Isso no entanto não excluiu a necessidade de algumas visitas à própria biblioteca para o estudo de periódicos microfilmados e alguns ainda disponíveis em papel.

No Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ) encontrei plantas originais de imóveis construídos na Avenida Central no período de sua inauguração. Através desses documentos pude constatar a existência de imóveis projetados para abrigar unidades residenciais, o que foi, para mim, uma descoberta envolvente, à qual eu talvez tenha dedicado um tempo maior do que deveria. Ao que parece, a habitação coletiva no início do século XX ainda é um tema pouco estudado. O livro de Lillian Fessler Vaz, *Modernidade e Moradia, Habitação Coletiva no Rio de Janeiro – Séculos XIX e XX*, foi de grande valor e esclareceu muitas das questões levantadas pelas plantas encontradas no AGCRJ. Foi também através da biblioteca do AGCRJ que pude ter acesso às leis publicadas pela prefeitura durante a administração de Pereira Passos.

Renato Cordeiro Gomes (2008, p. 114), ao escrever sobre o período da reforma urbana do Rio de Janeiro no começo do século XX, afirma que a cidade foi transformada numa “floresta de símbolos” para que pudesse ser lida como moderna, com significados sempre brotando e caindo das árvores construídas.

Foi a busca desses significados da cidade e da moda que deu sentido a este trabalho.

1.2

Introdução

“O Rio está vivendo a sua idade de ouro da elegância e do bom gosto”. A frase, retirada de um artigo publicado há quase cem anos na revista *Fon Fon*, exprime o otimismo com as reformas que durante a administração do Prefeito Pereira Passos haviam transformado a cidade. As mudanças ali efetuadas – e que a imprensa aplaudia – não eram apenas aquelas referentes à parte física da cidade. Além de operar modificações no urbanismo e na arquitetura, o projeto ambicionava modificar também os hábitos da população que habitava a Capital Federal, moldando-os a partir da estética e do estilo de vida adotados pela burguesia européia. A aceitação desses novos padrões foi determinante para a construção de novas aparências para ambos – cidade e habitantes.

“O Rio civiliza-se” tornou-se o slogan mais famoso da época. Mais do que uma constatação, a frase propagada por Figueiredo Pimentel tornou-se quase um mantra, repetida inúmeras vezes pela imprensa de forma a convencer o público leitor da legitimidade dos novos costumes. A cidade e sua arquitetura, a decoração e o mobiliário, a linguagem e as maneiras, o corpo e o vestuário: tudo isso foi sendo alterado de forma a tornar-se mais compatível com os ideais da elite urbana e burguesa que substituíam os valores de uma sociedade senhorial por outros, individualistas e cosmopolitas.

Para que a cidade se tornasse moderna e civilizada não bastavam as intervenções higienistas e o avanço tecnológico. As camadas que projetaram e incentivaram a reforma urbana entendiam que também a população precisava passar por um processo civilizador e modernizador. Paris foi tomada como modelo de cidade e os hábitos da burguesia francesa determinaram em grande parte a moda e o comportamento das classes burguesas.

Este trabalho pretende analisar as ligações entre as intervenções na cidade e na aparência pessoal feitas pelas elites estabelecidas no Rio de Janeiro no início do século XX. O termo “aparência pessoal” foi escolhido por exprimir algo mais amplo do que o vestuário. Nele estão incluídos gestos, hábitos, comportamentos e formas de lidar com o próprio corpo, que, assim como o vestuário, também são fortemente influenciados pela moda. Algo semelhante à “fachada pessoal” que Erving Goffman (2008, p. 31) define como “o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação”.

A moda do período revelava a busca das camadas dominantes pela construção de um capital simbólico que lhes desse prestígio e distinção. Algo que as camadas burguesas na França e na Inglaterra pareciam ter encontrado através de uma ideologia moral do bom gosto, do bom tom, da decência, da higiene, da respeitabilidade e do controle próprio. Mas, além de todos esses valores morais, a roupa burguesa manteve alguns dos atributos cultivados pela nobreza do Antigo Regime – paradoxalmente aqueles que expressavam, mesmo que dissimuladamente, desperdício e sedentarismo. Tal paradoxo é abordado por Norbert Elias em *O processo civilizador* (1984, p. 51-52). Elias acredita que a infiltração de círculos burgueses por tradições especificamente aristocráticas fez com que já no século XVIII, na França, não houvesse mais qualquer grande diferença em costumes entre os principais grupos burgueses e a aristocracia de corte:

Tanto a burguesia de corte como a aristocracia de corte falavam a mesma língua, liam os mesmos livros e observavam, com gradações particulares, as mesmas maneiras. (...) As convenções de estilo, as formas de intercâmbio social, o controle das emoções, a estima pela cortesia, a importância da boa fala e da conversa, a eloquência da linguagem e muito mais – tudo isto é inicialmente formado na França dentro da sociedade de corte, e depois, gradualmente, passa de caráter social para nacional.

Ligada tanto à esfera do indivíduo como à do coletivo, a moda oferece como objeto de análise não somente o vestuário em si, com suas formas e tecnologia próprias. Oferece também um discurso com características disciplinares que se estabeleceu em jornais e revistas para que determinadas formas pertinentes aos ideais da época fossem propagadas e adotadas. O estudo do vestuário das camadas burguesas – aquelas mais diretamente envolvidas com o processo de moda e com a modernização da cidade – pode proporcionar uma nova visão sobre a constituição da identidade carioca, já que se compõe a partir das mesmas idéias que transformaram a cidade.

Inicialmente será abordada a influência do contexto internacional sobre os intelectuais que se estabeleceram no Rio e a formação dos ideais que os levaram a trabalhar pela equiparação cultural do Brasil à Europa. Tal equiparação era também desejada pela elite econômica, cujo desejo de modernidade, orientado pela crença no progresso e na tecnologia, planejava transformar a Capital Federal numa Paris dos trópicos.

Este primeiro capítulo apresentará também as visões do Rio pré-reforma, uma cidade qualificada pejorativamente como colonial. Dizer que o Rio era ainda uma cidade colonial significava assumir sua distância em relação aos pressupostos das cidades modernas. Os sessenta e sete anos de reinado

separam o período colonial do período republicano. No entanto durante esse tempo poucos melhoramentos foram feitos na infra-estrutura da cidade, que continuava com o estado sanitário precário, as ruas estreitas e sujas, as construções depauperadas e os equipamentos urbanos arcaicos. Também a configuração urbana poderia ainda ser descrita como colonial no início do século XX. Neste caso isso significa que a forma como a cidade se organizava espacialmente se manteve quase a mesma dos séculos anteriores, ou seja, a disposição das ruas e o desenho dos lotes pouco haviam mudado.

A seguir será abordada a reforma em si: as novas propostas viárias, o projeto urbanístico-arquitetônico e as ideologias que o formataram, detendo-nos com mais atenção na Avenida Central e nas novas formas de sociabilidade ali encenadas. A inevitável comparação com Paris e a reforma haussmanniana ajudam a compreender os partidos tomados pelos planejadores brasileiros do início do século XX, já que a modernização do Rio de Janeiro esteve, desde o princípio, baseada na reforma urbana parisiense experimentada na segunda metade do século XIX.

Paris era também o modelo de civilização. É seguindo esse modelo que paralelamente às obras no espaço físico da cidade Pereira Passos dá início ao processo conhecido como Regeneração. A intenção era moldar hábitos e costumes de modo a torná-los mais de acordo com as idéias da época, lançando decretos que ora proibiam ora obrigavam a população a certos usos. A aplicação dessas ordens foi especialmente efetiva nas áreas centrais, as áreas reformadas, lançando mão de diferentes formas de controle.

No terceiro capítulo veremos como estas mudanças podem ser percebidas através das transformações por que passam tanto o vestuário masculino como o feminino. Construídos sob lógicas diferentes e até opostas, as aparências de homens e mulheres afirmam o caráter simbólico de roupas, acessórios, penteados e maquiagem. Muitas vezes criadas sacrificando o conforto de seu portador, novas formas são adotadas, enquanto outras caem em desuso. A supressão de alguns itens e a criação de novas vestes acompanham a mudança dos costumes. Não é apenas o vestuário que apresenta inovações: situações novas e novos espaços implicam comportamentos que ainda precisavam ser regulamentados e interiorizados. É o caso dos cinemas, do *footing* na Avenida, dos bondes elétricos e dos banhos de mar, que instituíram inéditos códigos de conduta.

Artigos de moda, colunas sociais e revistas de variedades davam suporte às mudanças programadas ou desejadas, estabelecendo um discurso disciplinar

que, justamente por estar associado à esfera das frivolidades, atingia sem resistências seu público leitor, formado essencialmente pelas camadas burguesas. De qualquer forma, essa burguesia não estava nem um pouco preocupada em resistir às novas normas. Ao contrário: mostrava-se ávida por inteirar-se dos novos padrões a serem seguidos.

Não há, no entanto, a intenção de fazer um inventário ou uma história da imprensa de moda editada na cidade. Artigos referentes à moda de diversos jornais e revistas foram misturados a trechos de colunas sociais, anúncios, peças de propaganda e decretos municipais para expor as estratégias de indução ou de sustentação das principais idéias sobre civilização e modernidade propagadas no início do século XX.

A cidade reformada – ou a área reformada da cidade – se modificava de várias formas e continuava a crescer, direcionando sua expansão para as praias da Zona Sul, abrindo novas vias, determinando novos hábitos, instaurando novas modas e estilos de vida que os anos seguintes iriam consagrar. A febre esportiva manifestava seus primeiros sintomas através dos esportes náuticos, fazendo com que os corpos musculosos e bronzeados, que de início causavam estranheza, passassem a ser admirados e desejados. As praias, até então utilizadas apenas para banhos terapêuticos, começavam a integrar os hábitos de lazer dos cariocas e forçavam a criação de novos trajés, adaptados às novas necessidades de corpos que se tornavam mais ágeis e flexíveis.

Com a Avenida Beira Mar e em seguida a Avenida Atlântica construiu-se um desvio definitivo do modelo parisiense que havia guiado os técnicos responsáveis pela reforma urbana. Embora a ocupação das praias cariocas tenha tido grande influência do que acontecia na Riviera Francesa, as diferenças são muitas, a começar pela relação entre tempo de lazer e de trabalho. Enquanto as idas a Nice ou Cannes se davam majoritariamente nos períodos de férias, para ir a Copacabana, os cariocas só precisavam de um bom dia de sol. Às vezes, nem isto.